

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE

**EXPERIÊNCIAS,  
POEMAS E LAMENTOS  
DE UMA PROFESSORA-ARTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
Isabella P. de A. Lacerda  
Orientadora Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Zordan

Porto Alegre

Abril 2011

1

## resumo

O texto enfatiza a importância do lidar com os materiais concretos no aprendizado das artes visuais/plásticas, através de depoimentos e relatos. E levanta fatores de ordens culturais, sócio-econômicas e infraestruturais que dificultam tais experiências significativas na escola.

## sumário

resumo .....	2
apelação poética .....	4
caminhando sobre ovos .....	5
sobre pedras rolantes .....	6
cultura da palavra .....	7
I parte: -apressa! - contra a experiência .....	9
da velocidade do tempo .....	10
da sociedade da informação .....	11
dos excessos e carências.....	11
metade-professora ou meta de professora .....	18
II parte: o esforço contra a pressa .....	19
pequena e óbvia invocação à sabedoria de Buda .....	20
do kamasutra .....	23
dos afetos .....	24
relatos de experiência em sala de aula .....	26
esculturas .....	27
à sabedoria de Buda, mas mais perto da realidade escolar .....	29
do processo criativo .....	32
bordados .....	37
de palavras e coisas .....	39
desenhos .....	41
de tempos e matérias primordiais .....	44
cozinha ancestral .....	47
quantas possibilidades .....	50
referências bibliográficas .....	51

apelação poética

faço apelo à poesia  
pr'essa difícil tarefa minha:  
quase sem filosofia  
- com tão poucas palavras –  
o que não é palavra defender  
com tão excessivas palavras,  
esta monografia.

caminhando sobre ovos

no mund'acadêmico  
é mis ter cautela  
pois qualquer escorregão  
vai quebrando o protocolo  
e fazendo confusão:  
misturando a clara d'uns  
co'a dourada gema d'outros,  
formatando palavrão  
ou infindo palavrório...

## sobre pedras rolantes

Apelar para a poesia porque o que pretendo neste presente texto é algo simples: reafirmar, sem a profundidade teórica dos tantos pensadores de cujas palavras lanço mão, a relevância do trabalho da mão sobre a matéria, da percepção das durezas e suavidades, docilidades e asperezas dos materiais componentes concretos das coisas do mundo, no aprendizado e na produção das artes visuais/plásticas.

Ao ler tantos textos valiosos e complexos fico mesmo com vontade de desistir: para que repetir mais superficialmente o que já foi dito com tanta propriedade por tantas mentes mais esclarecidas do que a minha?

Mas, como no momento trata-se de questão de honra, e de certo modo de sobrevivência, botemos a plástica nas palavras...

Permitir-me-ei, para tanto, uma costura como se de uma colcha de retalhos... de pensamentos e relatos, alguns deles tão corriqueiros que talvez pouco explicitados neste formato de escritura.

Assim, levantarei questões de teores filosóficos, artísticos, pedagógicos, sociológicos, autobiográficos e poéticos para tecer este texto algo biografemático<sup>1</sup> que se pretende elogio, evocação. No fluxo da escrita, fui intuitivamente agregando elementos que me foram surgindo analógica e existencialmente, ainda que suas relações com o argumento central não estivessem claras para mim, os quais espero ter conseguido esclarecer e relacionar posteriormente. Também invoco a presença de artistas e filósofos, a partir de depoimentos, não por pretensão mas por reconhecimento. Desta forma, tomo a liberdade de inserir os poemas, impressos em azul e roxo, que me surgiram ao longo deste processo, nem tanto por suas qualidades poéticas, mas pela carga emotiva e/ou filosófica das reflexões.

No decurso desta costura bordarei ornamentos e estribilhos referentes ao contexto escolar e artístico/existencial pessoal, e farei uso de imagens fotográficas e de outras reproduções de obras de autoria de meus alunos e de minha própria lavra.

Na partição - *Apressa! - contra a experiência* -, abordarei a experiência concreta com as artes visuais como sendo de importância existencial, e os fatores dificultadores da possibilidade desta qualidade de experiência. Tais como os decorrentes de nosso atual *modus*

---

<sup>1</sup> Conforme a *Introdução ao método biografemático*, onde o saber produzido “nada mais é do que uma perspectiva entre outras(...), logo, não é Método ordenado, repetível, autocorrigível”. CORAZZA, 2010, p.86.

*vivendi*, e daqueles específicos da vivência em escolas públicas (da rede municipal de Porto Alegre), ou seja, os da ordem da pobreza, muitas vezes extrema, entre outras carências.

A seguir, em *O esforço contra a pressa*, farei não-mui profunda escavação arqueológica e antropológica acerca do tempo e sua relação com a experiência do trabalho sobre a matéria, bem como a idéia filosófica de experiência como padecimento. Padecimento de dor e de prazer, em subcapítulos respectivos.

Como nos romances, vamos começar com o que é difícil até chegarmos ao improvável, mas sempre com expectativas de felicidades... (Pois como suportar sem perspectivas utópicas?). Sabendo que, nas palavras de Veiga-Neto, em *Foucault e a Educação*, “À medida que nos movemos para o horizonte, novos horizontes vão surgindo, num processo infinito. Mas, ao invés de isso nos desanimar, é justamente isso que tem de nos botar, sem arrogância e o quanto antes, a caminho.”<sup>2</sup>

Chão batido, pedra, pó, poeira, até a porta da escola. Perseguido a alegria da surpresa das coisas criadas, da paixão súbita pelas novas criaturas, brotadas sabe-se lá de quais conexões entre terra e mente, mãos e substâncias materiais do mundo, da deliciosa potência de saber-se criador. Trabalhar junto e sobre os objetos do mundo, tomar rumo, experimentar, acreditar, escolher o sentido do caminho.

E, finalmente, acerca do movimento das pedras, não resistirei a dizer que sejam rolantes, mutantes, de grandezas relativas, não apenas aludindo ao estilo musical que mais embalou minha adolescência, mas também porque pode-se figurar em pedras e pedrinhas os obstáculos, desvios e atalhos deste processo de escritura.

---

<sup>2</sup> VEIGA-NETO, 2005, p. 31



Vista de um dos caminhos de uma das minhas atuais escolas, a qual aparece no alto da foto. Em primeiro plano, uma esquina de despejo de lixo, onde costumam ser abandonados os mais variados conteúdos, formando pequenos ou nem tão pequenos montes.



cultura da palavra

a palavra paramim

pode ser comescultura:

tireboto,

corto,

agrego,

brinquedouro querendo voice.

brinco de jjoice:

engordumpedaço,

decapitoutro.

*I parte*

**- APRESSA!**  
**CONTRA A EXPERIÊNCIA**

*“Não há mérito em ser bem adaptado a uma sociedade doente (...)”*

*Krishnamurti*

## da velocidade do tempo

Conta João Francisco Duarte Jr., em *O Sentido dos Sentidos – a educação do sensível*:

“(…) mas o fato é que em, em meados do século XIV os relógios mecânicos já haviam sido criados, os quais foram logo agregados às torres das igrejas; de início, o povo apenas ouvia a passagem das horas mediante o soar dos sinos, mas em curto espaço de tempo a sua visualização foi tornada possível com a invenção dos mostradores dotados de ponteiro (...) (2003, pág. 39)”

E de lá para cá a contagem do tempo só fez impregnar-nos.

Vivemos num tempo veloz, apressado e fragmentado.

Não à toa, dos ditados mais populares é o “tempo é dinheiro”.

Diz Jorge Larrosa em seu belo texto *Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência*

“A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. (2002, pág. 23)”

Paradoxalmente, nas escolas, o tempo parece arrastar-se, desacelerar. O ano letivo constitui-se em 800 horas de trabalho junto aos estudantes, divididas em 200 dias letivos.

Na rede municipal de educação de Porto Alegre, cada dia letivo constitui-se de 4 horas e meia, subdivididas em períodos ou blocos de 45 minutos, ou 50 minutos ou 1 hora, e conforme os arranjos curriculares de cada escola, são às vezes juntados 2 períodos para uma mesma disciplina. Esta junção de períodos costuma ser reivindicada pelos professores de arte, para que a pressa não impeça a experiência, pelo menos ao se lecionar para estudantes pré-adolescentes ou mais. Apesar dos esforços para despertar interesses e aprendizagens significativas, uma pergunta costuma ser mais-que-frequente:

- *Sôra, que horas são? Quanto falta pra acabar a aula?*

O texto *Pelos traços do impensado da escola*, de Karen Elisabete Rosa Nodari, no livro *Fantasia de escritura – filosofia, educação, literatura* – começa assim:

“E, como era esperado, aquilo tudo se repete, incessantemente, entre o início e o término de cada jornada. É bem verdade que nada naquele lugar ocorre uma única

vez... Primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto período do turno da manhã. Primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto período do turno da tarde. (...) Tudo retorna entre a segunda e a sexta-feira, das 8 às 17 horas, entre março e dezembro. Uma vez mais se começa para terminar e termina-se para começar. ( 2010, pág. 93).  
“

## da sociedade da informação

Vivemos num tempo informado. Por isso tanto se louva a sociedade da informação. Mas como nada tem uma única face, concordamos com Larrosa quando diz:

“A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; (...) Como se aprender não fosse outra coisa que adquirir e processar informação (LARROSA, 2002, pág.21).”

- Será a ciência uma nova religião? – perguntava o antipsiquiatra porto-alegrense Ernesto Bono na década de 70.

*Será o consumo, a informação, o consumo da tecnologia da informação o novo ópio do povo?*

Podemos considerar que, se as informações, embora vindas de todos os lados, não consigam fazer-se significativas, já não nos toquem, ou pouco nos toquem... não será difícil imaginar-se que, então, na escola - espaço de frequência obrigatória, independentemente de bem ou mal lá estar, (e quanto menos se está, de corpo presente, tanto pior, pois mais desconectado fica-se)- a informação tampouco ou ainda menos nos toque, a não ser que possa lá ocorrer alguma outra coisa que não seja só informação...

*- Sôra, quanto tempo falta pra acabar?*

## dos excessos e das carências

Larrosa diz que a experiência, aquela que nos toca, é cada vez mais rara pelo excesso, também, de opinião: *“Em nossa arrogância, passamos a vida opinando (...). No entanto, a*

*obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça.”*<sup>3</sup>

Além do consumo acelerado de informação e de produção acelerada de opinião, há outros excessos e faltas, que assolam a vida, a experiência, a arte, a escola.

“*O consumo comanda nossas formas de inação*”<sup>4</sup>, diz Milton Santos. E o desejo de consumo tem comandado muitas ações violentas em nossos desorganizados aglomerados urbanos. Além disto, nas escolas públicas das periferias urbanas, temos algumas especificidades dificultadoras adicionais, ou as que se referem às desigualdades sócio-econômicas, ou resultantes da “subconsciente luta de classes”, permitir-me-ei dizer, pedindo licença poética e conceitual aos mais bem ou melhor apropriados de tais conhecimentos.

Ainda que as distribuições e os acessos aos bens de consumo, à informação, às velocidades e facilidades da vida “hipermoderna” sejam tão desiguais, ao menos em nosso país, não o é o desejo destes benefícios, tão ostensiva e democraticamente propagandeados na cultura televisiva, ainda certamente a mídia de maior alcance.

O desejo de felicidade é, sim, universal.

E sobre o ser-se feliz...o que diz a cultura?

Diz que é preciso ser sensual, senão, não dá pra ser feliz.

Diz que é preciso um carro Y ou X,

Mostra o que comer na boca da atriz.

Ainda Santos, devidamente enfatizando a questão da desigualdade na crítica de nossa contemporaneidade:

“Hoje, vivemos um mundo da rapidez e da fluidez. Trata-se de uma fluidez virtual, possível pela presença dos novos sistemas técnicos, sobretudo os sistemas da informação, e de uma fluidez efetiva, realizada quando essa fluidez potencial é utilizada no exercício da ação, pelas empresas e instituições hegemônicas. A fluidez potencial aparece no imaginário e na ideologia como se fosse um bem comum, uma fluidez para todos, quando, na verdade, apenas alguns agentes tem a possibilidade de utilizá-la, tornando-se, desse modo, os detentores efetivos da velocidade. (2000, pág. 83)”

Já na escola, de novo, há outros tempos que não fluem. Aqueles dos encaminhamentos médicos, odontológicos, psicológicos e psiquiátricos, por exemplo, de tantos de nossos alunos

---

<sup>3</sup> LARROSA, 2002, p.20.

<sup>4</sup> SANTOS, 2000, p. 46.

carentes e doentes. E há outras carências, inacreditáveis de tão básicas nesta opulenta sociedade, tais como alimentação e saneamento, que continuam escassas ou inexistentes para parte de nosso estudentado. Por estas e por outras razões, sempre sinto-me muito incomodada com algumas das críticas endereçadas à escola, daquelas do tipo “tudo mudou, menos a escola, que permanece a mesma há séculos...”

Ora, o que mais tem mudado são as aglomerações urbanas, progressivamente aglomeradas, e os ritmos industriais da vida, da geração de insumos e artifícios para a manutenção desta sociedade fadada, ao que parece, a passos largos para a auto-destruição.

As relações sociais caminham muito menos veloz e lucidamente do que a indústria e sobretudo a *high technology*, e ao mesmo tempo em que há evolução no sentido de deserarquização das relações humanas, o que supõe um avanço democrático, há paralelamente resignação à perda de qualidade de vida para a maioria da humanidade, e uma aceitação da miséria caída à nossa frente, como se fosse “de nossa natureza”, apresentada cotidianamente pela crescente quantidade de pessoas sem-teto.

*-Oh, Yes! , a escola está mesmo em crise, mas o que não está?*

É preciso não subestimar a realidade, ou a atualidade, da miséria. O fato de terem caído por terra muros e crenças nos modelos socialistas não resolve nem ameniza a desgraça fermentada entre os despossuídos e escravizados da terra.

Ainda, em uma cultura fortemente maniqueísta, faminta de mitificações a tornarem-se combustível para manter em movimento a grande roda da vida...econômica... tudo o que for fast-food, de fácil consumo e digestão tem muito mais probabilidades de tornar-se moda do que aquilo que implicar trabalho, reflexão, esforço, possibilidade de erro, enfim... como fazer para convencer os estudantes de que há algo que valha a pena, na escola?

*-Sôra, quanto tempo?*

Em um mundo onde o campo de experiências, para a maioria das pessoas, é cada vez mais delimitado ou reduzido, pela falta de poder econômico, pela exigüidade ou ausência dos pátios, pelo apertamento espacial dos apartamentos e áreas de convivência, pelo medo das ruas, pela escassez e fragmentação do tempo, pela pré-fabricação dos materiais, pela poluição visual, sonora, de informações incompletas/descontextualizadas... até o entupimento dos

órgãos receptores.... Onde a experiência real é progressivamente substituída pela cibernética...

De novo, João-Francisco Duarte Jr.

“O fato é que o exponencial desenvolvimento tecnológico a que estamos assistindo vem se fazendo acompanhar de profundas regressões nos planos social e cultural, com um perceptível embrutecimento das formas sensíveis de o ser humano se relacionar com a vida. Certas conquistas típicas e definidoras da modernidade, feito a noção do homem como sujeito livre, ou a diferenciação entre as esferas da ética, da arte, da religião e da política, mostram-se agora assoladas por uma espécie de pensamento único, que pretende valer-se da razão científica ou instrumental para abarcar todos os domínios de existência. ( DUARTE Jr., ano, p. 70)”

Quando criança, cheguei a usar, para brincar ou para ilustrar trabalhos escolares, uns desenhos “decalque”, impressão colorida sobre película frágil e transparente que se soltava e colava no papel imerso na água... Naquela época, as imagens impressas, e sobretudo coloridas, eram raras...

Quando explodiram as bombas atômicas, ninguém sabia ainda, e são relativamente poucos os relatos (ou de tão horríveis, pouco divulgados) da violência inacreditável de seus efeitos, não só explosivos mas desagregadores, subsumidores da carne das pessoas. A despeito da imensa produção cinematográfica de ficção científica e de guerra norte-americana, parece-me que a humanidade ainda não tem a dimensão do que seja isto: desaparecer em um segundo, não sobrevivendo nem ao menos a carne torrada, mas apenas, literalmente, a sua sombra.

- Isso vai por si!- , expressão que assimilei ao cotidiano, dita pela personagem Clóv, em *Fim de Partida* de Beckett, em cuja encenação logrei o prêmio Açorianos de melhor cenografia na premiada montagem feita pela Terreira da Tribo, em 1986.

Eu sou das pessoas que assistiu, com surpresa, os primeiros celulares- tijolões “conversando” com as pessoas nas ruas.

Assim como não sabemos a hora, a forma e a consequência de nossa morte, ainda é muito cedo pra avaliar as decorrências que nos aguardam, à humanidade, a todos os seres viventes, a todo o planeta, a partir das radicais mudanças tecnológicas e de suas benesses e desastres energéticos/ambientais. Tampouco para quem já nasceu nesta era de apertar teclas, em que quase tudo que é preciso saber parece resumir-se a isto...

Por conservadorismo ou nostalgia, talvez, ou será porque o prazer de lidar corporalmente com as coisas é bem maior do que o advindo do clicar, ou compor, a partir do trabalho de outros, de programas... É que defendo, como professora, e preciso, como artista, criar objetos-pensamento formais a partir das formas materiais?

John Dewey, em 1931, no seu belíssimo texto *A Arte Como experiência*, já dizia:

“Usamos os sentidos para despertar a paixão, mas não para satisfazer o interesse da intuição, não porque este interesse não esteja potencialmente presente no exercício dos sentidos, mas porque cedemos a condições de vida que obrigam os sentidos a permanecerem como uma excitação superficial. (pág. 21, tradução da autora)”<sup>5</sup>

- *Se naquela época já era assim!* - digo eu!

E Dewey continua, “*Todas as oposições de mente e corpo, de matéria e alma, espírito e carne, tem sua origem fundamentalmente no temor do que a vida pode trazer.*”<sup>6</sup>

- *Desde sempre tem sido assim!* - recordo eu!

Respirar, esta coisa difícil, até dolorosa, involuntária, autômata... estaremos fazendo-a sabiamente? Contemplar, olhar, perceber... estaremos sabendo fazer?

Assistirmos a um filme erótico contemplará nossa necessidade/desejo de amor sensual? Ou será importante para nós, animais de sangue e carne, o tocar, o apertar, o morder, o lambar, etc.?

Novamente, Duarte Jr:

“(...) numa realidade cada vez mais cerebral e padronizada, nossa apreensão tátil do mundo vem se perdendo enquanto forma do saber, na medida em que nossas mãos não se exercitam no ofício de tocar (...) com vistas ao prazer e à sabedoria que as coisas podem nos proporcionar pelo contato com a nossa pele. (DUARTE Jr., ano, p. 101)”

Oportunizando esta deixa, quero também levantar considerações sobre a arte conceitual, cujos fundamentos deserarquizantes e democratizantes propõem também uma desmaterialização do objeto de arte: em qual medida, a partir desta desmaterialização, terão contribuído para desfocar a importância da experiência com a matéria concreta (fisicamente adensada, já que, desde Einstein, tudo é energia, no entanto) como forma de conhecimento?

Não favorecerá a supervalorização do trabalho conceitual sobre aquele da matéria a uma preguiçosa acomodação artística e pedagógica? Será demais lembrar e enfatizar a importância do trabalho físico, com tudo o que de inesperado e adverso poderá ele revelar sobre as materialidades dos materiais trabalháveis em arte? Ademais de tudo o que é possível

---

<sup>5</sup> Texto original: “Usamos los sentidos para despertar la pasión, pero no para satisfacer El interes de La intuición, no porque esse interes no este potencialmente presente em el ejercicio de los sentidos, sino porque cedemos a condiciones de vida que obligan a los sentidos a quedar como una excitación superficial.” DEWEY, 1952, p.21.

<sup>6</sup> “Todas las oposiciones de mente y cuerpo, de matéria y alma, espíritu y carne, tienen su origen fundamentalmente em el temor de lo que la vida puede traer”.. IDEM, p. 22, (tradução da autora)



“colar” digitalmente? Ou tudo já terá sido feito? Não passemos mais trabalho? Só restará reciclar?

Tanta mixórdia fizemos,  
A quem tocará desenhar os nós?  
A quem tocará carregar os trambolhos,  
Recolher os restolhos,  
Limpar o terreno?

Nas escolas, desfeitas as festas, quase sempre é às funcionárias “cooperativadas”, menos que assalariadas, a quem toca guardar as cadeiras e mesas colocadas no pátio... Porque poucos professores são solidários, dispendo-se a dividir o trabalho que afinal não é de alguém específico, sendo portanto de todos, e que por isso acaba recaindo sobre os mais fracos, sobre os servos? As horas de trabalho dos servos, aliás, costumam ser prolongadas se fizer-se necessário, e não ressarcidas.

Será a categoria dos professores tão “egoísta”, classista?

Porque todos sentimos que estamos estirados ao máximo da suportabilidade, mais do estava no script, mais do que nos paga o salário para... Estamos normalmente exaustos, frustrados e carentes... De mais recompensa perante o esforço... De mais alegria, de mais sentido, no trabalho, inclusive...

E ainda, relativamente aos excessos e carências, quero trazer à baila uma breve reflexão sobre a administração dos afetos: há os alunos de quem se gosta muito, e há os de quem não se gosta, propriamente. Pois assim como não é verdade que as mães gostem de seus filhos da mesma maneira, sendo eles tão diferentes, assim também a distribuição do afeto dos professores por seus alunos pode apresentar dificuldades, enfim.

E, a propósito, vale notar que os professores especialistas, que trabalham com muitas turmas de crianças e adolescentes a cada jornada, sofrem um desgaste emocional considerável, pela quantidade de pessoas contra a escassez de tempo para a construção de vínculos e regras, imprescindíveis para o trabalho com estas faixas etárias. Por exemplo, na rede municipal de ensino já tive como alunas 400 crianças por semana, o que considero um atentado à sociabilidade e, portanto, à pedagogia.

E assim vai a Escola, neste rol dramático, conflituado, controverso, contra-a-vontade. E por isso sofremos tanto, cada um de nós, professores que trabalhamos com crianças e adolescentes - O FUTURO! -, percebendo atrofias de possibilidades de amor em culturas

recentes e regressivas de barbárie, barbárie, mesmo. Por mais que todas as palavras denotem significados relativos, e mesmo considerando que o conceito “crise de geração” remonte a tempos imemoriais.

Dizem Marly Meira e Silvia Pillotto:

“A compreensão humana é um tipo de conhecimento que necessita da relação subjetiva com o outro, depende de simpatia, de projetar identificações nesta relação. A compreensão, mais do que a comunicação, ou mesmo como efeito desta, é o grande problema atual da humanidade. A comunicação não substitui a compreensão, não basta comunicar-se com o outro para compreendê-lo. (...) se não houver compreensão, a comunicação não acontece, ela não é problema de meios, mas de fins, ao questionar o aspecto subjetivo profundo das pessoas. (autor, ano, p. 89)”

Se tantos escreveram tanto sobre arte e sobre escola, sem no entanto serem capazes de defini-las, sintetizá-las, açambarcá-las na sua imensidão... Enfim... Porque seria eu, a quem cabe escrever tantas palavras, aquela que se pouparia de entupir ainda mais o universo de mais palavras, de mais conexões entre dispersos pensamentos, de mais ou menos reverência aos consagrados e absolutos... Como se Deus fora? Porque haveria de não contribuir para *“encher de vãs palavras tantas páginas e de mais confusão as prateleiras”*, como canta Caetano Veloso em seu Cd Livros? Como se fosse Deus capaz de tal depuração, de tamanha síntese?

-Isso vai por si! – diz Clóv.

como num quebra-cabeças montei quase sem querer esta superfície  
tudo estando em movimento inclusive e sobretudo as palavras encontro-me  
flutuando em suas ondasjá que não sei surfar e muito afogadamente nadar.  
escreveria todo o texto se assim fosse possível nesta forma chã de poesia...  
simplista, óbvia e didática, de tão facilitada leitura quanto o Diário Gaúcho.  
quando era bastante jovem li o Poema Sujo e nunca mais o pude esquecer pois há nele um  
delicioso galope que me faz entediar dos textos onde o tempo se arrasta, tropeçando,  
atropelando, esgarçando, obliterando, sintetizando sem digestão. Jogo, jogo, jogo de palavras:  
se elas já estão nos estertores, permitam-me brincar com elas, pois são dos poucos brinquedos  
com que consigo ainda brincar.

metade-professora, ou meta de professora

pela metade ou inteira  
a fazer o que lhe cabe  
toca a professora-freira:  
despertar a vontade em corações empedrados  
vazios de faltas  
e no entanto entupidos  
da gordura saturada da cultura enganadora  
do desejo do consumo inacessível  
e do lixo violento e pegajoso dos caminhos  
onde jazem plenos vestígios  
de pegadinhas.

precisas estar a plenos pulmões  
mas estás a meio-pau.

## II Parte

# O ESFORÇO CONTRA A PRESSÃO

“Nos dias em que trago de volta um estudo, digo a mim mesmo que se fosse assim todos os dias, a coisa poderia dar certo, mas nos dias em que volto com as mãos vazias, e que assim mesmo come-se, dorme-se e gasta-se; portanto não ficamos contentes e sentimo-nos loucos, patifes ou velhacos”

Vincent Van Gogh.

pequena e óbvia invocação à plena sabedoria de Buda

fast-food

very fast

o que ontem ‘inda era

já hoje já é past

na dimensão do sansara

tudo é enganador

obtemos o prazer

e logo mais vem a dor

a tinta borra

a madeira racha

na queima, argila explode

quebra a pedra

o vidro se estilhaça

a planta seca

a terra inunda

o gado morre

ferida é funda

o carro bate

o osso quebra  
o sangue escorre

na dimensão do sansara  
tudo é enganador  
obtemos o prazer  
e logo mais vem a dor

a força falha  
cidade apaga  
se para tudo  
quem é que lava?

lidar com a matéria  
lidar com 3D  
é de certo modo  
lidar mesmo com você

neste mundo de facilidades  
“tudoqueremos” com pouco esforço  
sem sangue ou óleo  
“entrega-tele” ou internet

na dimensão do sansara  
tudo é enganador

obtemos o prazer  
mas logo mais vem a dor

quem andará pondo  
a lenha na fonalha?  
neste mundo de prazeres  
quem é que trabalha?

quem plantará o que se come?  
quem colherá o que brota?  
quem recolherá o lixo?  
renascerá o que se esgota?

sofrerá a humanidade  
apagão como a cidade?  
sofreremos ainda mais  
como torturamos animais?  
as sutilezas do computador  
suplantarão as das plantas?

## do kamasutra

*Kama, que é o nome do deus do amor hindu, significa “prazer”.*

Para nós, por coincidência gráfica e sonora, também...

*Não é apenas o prazer sexual, mas qualquer prazer que possa ser experimentado através dos sentidos, como cheirar uma rosa ou ouvir música.*

Não é apenas o prazer de dormir, descansar, relaxar, mas também o de amar o corpo, o prazer sensual dos corpos.

*O próprio Kama Sutra<sup>7</sup> define o termo assim:*

*Kama é a delícia do corpo, mente e alma*

*em suave sensação;*

*despertos olhos, nariz, língua, ouvidos e pele,*

*entre o senso e o sentido*

*floresce a essência de Kama.*

*Kama Sutra pode, portanto, ser traduzido como “Aforismos sobre o Prazer”. (...) O Kama é um dos três grandes objetivos da vida hindu, mas deve ser sempre procurado em harmonia com os outros dois: Dharma e Artha.*

*(...) Dharma, da raiz sânscrita dhru, “conservar”, é o dever religioso, moral e social. Significa agir de acordo com os ensinamentos religiosos, as leis da sociedade e a própria natureza e consciência. (...) Realizando seu Dharma, segundo a crença, a pessoa liberta-se dos pecados acumulados das vidas anteriores e do ciclo de vida e morte.*

*Artha é mais simples...é o dever de acumular riqueza e bens em benefício da família. Cabe ressaltar que o conhecimento e o ofício fazem parte de Artha. A prática do Artha deve ser sempre temperada pelo Dharma, senão vira puro oportunismo. (Círculo do Livro, sem data, págs. 8 e 9)*

Trago estas incipientes noções hinduístas de aproximadamente 2000 anos como contribuição ao louvor do prazer da experiência... Pois há pessoas sem cama e sem teto aos montes caídas nas ruas... Pessoas em pé mas sem Kama, aos milhares, aglomeradas nos ônibus, apertadas nos relacionamentos, no trabalho, nas casas, apartamentos e também nos presídios... Professores tentando encontrar no seu artha também o seu dharma... Professores

---

<sup>7</sup> HOLANDA, 10ª Ed., p.1343. Sutra: Na literatura da Índia, tratado onde se reúnem, sob a forma de breves aforismos, as regras do rito, da moral, da vida cotidiana.



cumprindo seu artha e “queimando seu karma”, para praticar uma expressão usual e incorretamente usada no sentido de “pagando seus pecados”.<sup>8</sup>

Larrosa diz, a partir de Heidegger, que o sujeito da experiência, talvez o sujeito do *dharma*<sup>9</sup>, é “ (...) *padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido*”<sup>10</sup>. E é incapaz de experiência aquele que não se deixa abalar, que não se deixa tocar, que já sabe no que vai dar, aquele “ (...) *que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ex-põe*”<sup>11</sup>. No budismo, aquele que vive de acordo com o darma, bem como nas práticas meditativas orientais em geral, busca-se silenciar a mente para se alcançar experiências de interiorização, de difícil tradução em palavras. Já o sujeito contemporâneo “*quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio*”.<sup>12</sup> A propósito desta oposição, de submeter-se a ser submetido, contemplemos o haicai de Paulo Leminski:

o barro  
toma a forma  
que você quiser  
  
você nem sabe  
estar fazendo apenas  
o que o barro quer<sup>13</sup>

Enfim, retornando ao *Kamasutra*, falta-nos demais, no presente, a conexão entre *Kama*, tão escasso ou deturpado, na vida em geral, e *Dharma* e *Artha*, tão intrinsecamente relacionados, mas de tão difícil convivência!!!

E não pretendo, pretenciosamente, dizer que a assimilação dos conceitos possa resolver os conflitos! Mas, quem sabe, ajude a pensar. E, no desespero, toda ajuda é bem vinda. Porque, ao menos na escola, tantas vezes, disso se trata: de desespero. De desesperança. De não saber qual é o sentido da sua pretensamente pedagógica ação. Pois faltam pedagogias, metodologias e energias que consigam construir sentidos contra a

---

<sup>8</sup> Karma significa “ação”, “é a força da criação, de onde provém a vida de todas as coisas”. O *Tao da Física*, p.73.

<sup>9</sup> Darma, no Budismo,...

<sup>10</sup> LARROSA, p. 25.

<sup>11</sup> IDEM, p.25.

<sup>12</sup> Idem, p.23.

<sup>13</sup> AGUIAR, 1999, p.50.

violência que impera nas subculturas que grassam em grandes regiões das periferias urbanas! E não apenas lá, certamente.

## dos afetos

Seria para “trasantontem” um trabalho constituído através do afeto; e vejo, desde trasantontem, muito afeto nas relações entre professores e alunos das escolas municipais de Porto Alegre. A meu ver, pelo menos com relação aos estudantes das classes pobres ou miseráveis, nem se trata de, como citado por Meira e Pillotto:

“Pensar sobre afeto e afetividade no contexto contemporâneo é fundamental, especialmente quando a sociedade e conseqüentemente a educação estão em crise absoluta. Cada vez mais e mais intensamente se está criando uma lacuna entre o conhecimento e a produção de sentidos, o sujeito e o próprio sujeito, o professor e o estudante, a família e a escola e assim por diante (CURY apud MEIRA E PILLOTTO, 2003 ,p. 14).”

A lacuna não é entre o conhecimento e a produção de sentidos, a lacuna é o próprio sujeito que está esvaziado de sentido, porque está profundamente, dramaticamente esvaziado de afeto, de amor. Não há possibilidade de construção de conhecimento porque a demanda do sujeito é, de forma absoluta (ou quase absoluta), de uma outra ordem: a interrupção de sua dor existencial. E os professores costumam, ou se tem “acostumado” a bem saber que a expressão deste profundo sentido e sentimento de desamor, demérito, desmerecimento é em geral **violenta**... Manifestando-se no bater das portas, no arremessar de cadeiras e mesas no próximo, ou de pedras às janelas, em chutes, socos, arranhões e mordidas, e eventualmente, como se vê no noticiário, em atos menos corriqueiros e bem mais violentos, às vezes fatais.

Recusando-me a “soar” alarmista, sensacionalista, ultra pessimista ou algo entre estas categorias, quero remeter ao desespero, ao cansaço, à profunda crise referida acima, que assola a escola pública, muito mais dramaticamente que à universidade pública... E, permitir-me-ei dizer, as universidades brasileiras, em geral, ainda não estão focando, olhando apenas de soslaio que estão, o bruto fruto da miséria: esta matéria bruta, (pouco civilizada e paradoxalmente *high tech*), não inédita por ser bruta, mas inédita, isto absolutamente sim, nossa nova condição *high tech* e *high appeal*... Haja vista, com relação à universidade, por exemplo, que no presente curso de especialização em pedagogia da arte, para o cabo do qual está sendo redigido este texto, apesar de os estudantes serem majoritariamente professores nas redes públicas, atendendo portanto às populações mais despossuídas, nada abordou-se com

relação às especificidades e disfunções sócio-afetivas e cognitivas decorrentes de tal crise civilizacional, teoricamente sabida por todos os minimamente escolarizados e no entanto vivenciada por nem tantos, ao menos no cotidiano profissional, quiçá existencial. O que não pretende desqualificar os estudos feitos, mas sim relativizar sua adequação à condição de urgência, de emergência dos efeitos, das afecções das crises sociais e das eficiências e funções socializantes e pedagógicas da escola.

vôtiuebrá pra lá

vôtiuebrá pra cá

tuvaivê só

vôtiuebrá!

vôtiuebrá

quebrátuacara

já te disse já

na rua vôtiuegá!

## relatos de experiências em sala de aula

Apesar de toda a pose de malvado, e dos tantos atos agressivos que já praticara contra seus colegas e até professores, Andy, estudante de B20 (4ª série), quis ficar durante o recreio terminando o pequeno bordado que iniciara como presente para sua mãe, o desenho de um coração com flores num pedacinho de tecido de algodão cru, que a professora (aqui) providenciara... E de tal intensidade carregou seus primeiros pontos de bordado que fez-me lembrar de Arthur Bispo do Rosário. É claro que fiquei com ele, neste momento impagável, apesar disto implicar em acúmulo de tarefas na sequência da jornada de trabalho.

Davi era um garoto sem-teto e sem-família, introvertido e quieto, em processo de alfabetização. Por ocasião do Natal, naquela escola para meninos-de-rua (ou em situação de rua, como passou-se a falar), fiz uns desenhos em estêncil com motivos natalinos, pros garotos experimentarem, ,naquele momento sem mais tempo para que eles próprios os criassem, a sua aplicação com tinta sobre papel ou sobre vidro. Pois Davi começou a aplicá-los, alternando desenhos e cores, em aproximadamente duzentos e tantos pequenos vidros,

desses das basculantes das escolas municipais, dedicando a este delicado trabalho toda a sua manhã! ... O que por si só me impressionou muito, e ainda mais considerando-se a baixa capacidade de concentração daqueles jovens em situação de rua.

Talvez caiba esclarecer que estêncil vem a ser um desenho em molde vazado feito em material impermeável à tinta – no caso, chapas radiográficas – que permite que a tinta seja impressa na superfície sobre a qual se coloca o molde, ao passar pelas partes vazadas, mantendo assim as formas do desenho. No caso acima relatado, ainda que os moldes não tenham sido criados por aqueles estudantes, como muitas vezes, considero que o lidar com as tintas, suas cores e misturas, consistências e derramamentos, já implique em possibilidades técnicas e plásticas de abertura para a descoberta, para o inesperado. Nisto diferenciando-se do uso de outros tipos de modelos, tais como os corriqueiros desenhos fotocopiados, por exemplo.

## esculturas

Natan foi um garoto que, ao longo do ano 2010, no ano-ciclo C20 (correspondente à 7ª série) foi normalmente displicente, embora querido e educado, em seus trabalhos de desenho e pintura. Mas neste dia da escultura com este maravilhoso material industrial para construção arquitetônica chamado *concreto celular*, uma espécie de cimento aerado em blocos, ele começou a fazer uma escultura abstrata que disse não saber o que representava, mas que visivelmente o envolveu ao ponto de avançar no horário do recreio, após as 2 horas regulamentares da aula de artes, e na manhã seguinte, sábado de presença opcional, vir finalizar sua obra, tomado que estava pelo sentido do fazer, bonito de se ver...

O que caracteriza uma experiência estética?

Como certamente detectá-la?

Para que detectá-la? (Já não bastará ser-se feliz?)



Acima, Natan pintando sua escultura

Os imensuráveis conhecimentos produzidos pela humanidade, ao preço de impagáveis, indescritíveis esforços e sacrifícios ao longo dos milênios conseguirão mudar o desastroso rumo deste modelo civilizatório em que estamos afundados até a medula ? Bem como o de todos os outros seres sobreviventes desta humana catástrofe que significa nossa sobrevivência a tão mesquinho e irracional preço?

à sabedoria de Buda, mas mais perto da realidade escolar

o grafite quebra  
entope a cola  
massinha endurece  
falta fio na tesoura  
a tinta apodrece...

...começa o tempo  
na contagem pro final  
o tempo acaba  
'goraquiatétavalegal!

grande é o mundo!  
- há tantas coisas!  
- é demais pra minha bolinha!  
o limite não tem fundo!

Certa vez, catei no lixo um resto de material acolchoador de artigos eletrônicos, um misto de isopor com algo semelhante a borracha, que nunca mais encontrei pelas ruas...de cor rosa forte, quase “pinky”. Macio e não-esfarelento que era, esculpi um pequeno coelho, e na ocasião da Páscoa, cortei pequenos paralelepípedos, do tamanho aproximado de minha própria escultura, e levei, com tesouras escolares, pra uma turma de umas trinta crianças de B20. Foi um momento de feliz experiência coletiva, daquelas em que o tempo parece desacelerar, tal a intensidade da atenção dirigida ao ato! E para quem compartilha, como eu, da convicção de que a arte é conhecimento autônomo, e que portanto não deve ser submetida, na escola e na sociedade, ao serviço de fins outros que não o fluir de sua própria linguagem (tais como datas festivas, motivações usualmente cooptadoras da arte na escola),

esclareço que na situação acima descrita não houve submissão mas sim coincidência de oportunidades, uma vez que a atividade proposta – escultura – e a exclusividade da matéria prima – uma ótima mistura de esponja com isopor – ofereceram desafio único e instigante. E o fato de eu ter apresentado um modelo realista de coelho, dando vazão à minha “porção-artista” e aproveitando, aí sim, a demanda cultural pascoalina em crianças daquela faixa etária, foi o estímulo intuído, preciso e norteador que desencadeou de maneira muito feliz os processos, primeiros em muitos casos, escultóricos individuais... O que muito mais dificilmente ocorreria na ausência de modelo concreto, em se tratando de crianças com pouco ou nenhum referencial do que possa ser uma escultura, além, talvez, dos populares ornamentos em gesso encontrados nas lojas “1,99”.



Elias , jovem com importantes dificuldades cognitivas, portando o belo relevo do seu nome esculpido neste material



Alunas e alunos esculpindo o concreto celular.



Outra vez, visitando uma exposição de arte contemporânea, fiz com que parássemos frente a um grande painel de Nuno Ramos. Depois, na escola, numa turma de 30 crianças, aproximadamente, de B30 (5ª série), tivemos um daqueles raros momentos mágicos: todos tomados pelo prazer de reunir sobre pedaços de papelão grãos de cereais, tampas plásticas, canudinhos, arames, fios de lã, pauzinhos de madeira, muita cola e sei lá mais o quê! Que maravilha! Mas haja tempo/espço de arrecadação/organização, haja paciência e energia para este tipo de empreitada!

## do processo criativo

Vejamos, então, esta declaração do próprio artista acima referido, em entrevista para a revista Piauí, relatando sobre como acabou optando por tornar-se artista plástico, após transitar por outras áreas:

“Lembro, no começo, de molhar a tinta na água e colocar no papel. O líquido escorria e eu mexia a folha de um lado para o outro. Foi a 1ª vez que tive a percepção de que gostava mesmo era da experiência da bagunça da matéria, de ficar na consistência das coisas (sobrenome, ano e p.).”

Pois bem, para quem tem o privilégio, material, espacial e temporal de experimentar, praticar, retomar, ou, melhor dizendo, de permitir-se ser tomado pelo fascínio, *kama*, prazer e também angústia do trabalho artístico, onde o desenrolar do caminho impõe seu próprio sentido, logrando silenciar arazoamentos bloqueadores, relativizadores, subestimadores que atrapalham seu livre fluxo... Mais ainda, quando se tem a graça de nem mais procurar, mas desde logo encontrar, como disse Picasso<sup>14</sup>, este estado criativo... Por pouco objetivo que possa isto soar, como de resto costuma acontecer com as descrições de sensações e sentimentos muito intensos, enfim... Trata-se de uma condição de plenitude, e neste sentido, de felicidade, para onde sempre, sempre seria desejável retornar. Pois não são a busca de sentido existencial e o desejo de felicidade as principais questões da vida?

Dentre os momentos de maior plenitude que alcancei em minha vida, diversos deles ocorreram durante processos criativos artísticos... De uma forma próxima a uma experiência mística, às vezes nem é mais a nossa consciência quem comanda a ação, mas algo que se sobrepõe e nos domina, para nosso prazer e gratidão, como se fôssemos “apenas”, e

---

<sup>14</sup> WARNCKE, 1994, capa.

felizmente, veículo de uma outra vontade. Energia, não idéia platônica. Porque, então, não há um ideal, apenas um fluir.

Mas para “tornar-se artista”, profissionalmente, em geral há que se dispor de facilidades sócio-econômicas, ou de um ego, de uma personalidade de grande convicção e persistência, suficientemente forte para priorizar este caminho sobre as demais problemáticas da vida e da sobrevivência. (Enquanto isso, aguardamos nossa aposentadoria).

Então, voltando ao processo criativo, e ao trabalho de pintura, no livro “Entrevistas com Francis Bacon”, o entrevistado responde à pergunta “- *Qual a principal coisa que acontece com a tinta? São os tipos de ambigüidades que ela produz?*”

“ - E as sugestões .Quando outro dia estava tentando, em desespero, pintar a cabeça de uma pessoa, usei um pincel enorme, um monte de tinta e comecei a pintar de uma forma muito, muito solta; no fim, simplesmente já não sabia o que estava fazendo, mas de repente deu um clique e a coisa se transformou exatamente na imagem que eu estava tentando reproduzir. Mas não por causa de uma vontade consciente ou de qualquer coisa ligada à pintura ilustrativa. (2007, pág. 17)”

Disse Beethoven: “*Tenho medo de iniciar essas grandes obras – uma vez dentro do trabalho, não há como fugir*”.<sup>15</sup> O trabalho, este grande trabalho do espírito, ao que parece, dita a si mesmo, impõe seu ritmo, autodetermina-se e resolve-se tanto melhor quanto melhores condutos, mais aptos, persistentes, pacienciosos, sensíveis, disponíveis, talentosos formos nós, seus “cavalos”, como diz-se no *batuque*. Cavalos do *Búfalo Branco*. Búfalo Branco, Grande Espírito, que possa sua graça percorrer toda a planície do Planeta! Amém!

Uma querida artista-professora nos dizia, no Atelier Livre da prefeitura: - Escutem o *(seu) Trabalho!* E quando consigo permitir que *ele* dê o rumo, *ele* o tem feito satisfatoriamente. É esta idéia, do *trabalho que se nos chega*, necessariamente platônica? Creio não ser platônica, pois que sei que tudo está em aberto, as idéias estão em toda parte, há muitos deuses e sempre os houve, diversos; e os que tem dominado nossos dias, aliás, não são lá os mais sábios, justos ou provedores!

Entre Platão e Aristóteles, estou mais pra Mefistófiles...

*And what can such thing means?*

Assim, eu pinto, bordo, desenho, modelo, construo, costuro, entalho, gravo, serro, prego, colo, acimento, recorto, rasgo, etc... desde que tive a graça da oportunidade de lidar

---

<sup>15</sup> OSTROWER, 1978, p.71, nota.

com materiais plásticos/artísticos/expressivos e de constatar-me atraída para isto, desde minha juventude.



Acima, nostalgicamente, fotografia de meu, infelizmente no momento, ex-atelier.

Assim, me afeição a quase todas as coisas que produzo, o que não significa que as considere boas do ponto de vista do julgamento artístico, e tampouco me impede de desmontá-las, remontá-las ou mesmo destruí-las, tanto na tentativa de aprimorá-las, muitas vezes botando a perder suas melhores qualidades, quanto por um apego a sua materialidade carregada de significados subjetivos, “freudianamente”. De novo Francis Bacon:

“Acho que a minha tendência é destruir as melhores pinturas ou aquelas que, de certa maneira, haviam sido as boas. Fico tentando, querendo melhorar cada vez mais e elas perdem o que tinham de bom. Perdem tudo. Acho que posso dizer que tenho uma tendência a destruir meus melhores quadros. (SYLVESTER, 2007, p. 17)”

Se isso acontece com Francis Bacon, imagine-se comigo, que fico longo tempo sem pintar, e que quando retomo os processos, vou com um acúmulo de desejos recalçados, de fazer e de acertar, de medo de errar, de defasagens práticas, de limitações materiais e restrições de toda a ordem, características de quem não tem – não conseguiu assegurar para si - condições mais favoráveis a seus processos criativos!

Às vezes, especialmente na pintura, mas também com outros materiais, por falta de tempo, espaço e matéria prima, ao invés de interromper o trabalho e passar a outro, acabo por destruir o que estava bom, fazendo uma meleca imponderável. Mesmo assim, como sei (e só eu sei!) o que esteve por trás, continuo gostando da coisa, pois que de alguma forma ela preserva aquela densidade, aquela carga afetiva do que se passou, se fez e desfez. E é possível que só eu a perceba, mas o fato de saber da experiência supre-me, digamos assim, existencial e artisticamente, porque não só lembra da intensidade vivida, como aponta para outras possibilidades de experiência e melhor resolução enquanto produto final. Porque prova a mim mesma o quanto sei, ainda que esteja sempre descontente, por mais que pense não saber o suficiente e o necessário.

Pois para mim a arte salva, vem me salvando e tem salvado, vem me tocando e tem tocado, lembrando do verso de Gregório de Matos que Caetano Veloso musicou na canção *Triste Bahia* : ”vem me trocando e tem trocado, tanto negócio e tanto negociante... triste Bahia, ó quão dessemelhante!”<sup>16</sup>. Salva do desespero. Como não me tenho detido o suficiente numa única modalidade artística, mas transitado por diversas... como não tenho uma “tese” em coisa alguma, não “serei” alguma coisa...de tipo artístico? Sou ou não sou? *This is an crucial question*, do sentido e de sua falta, do desespero. Por isso, “convoquei” o venerável Van Gogh para a abertura do capítulo. Do meu processo:

Qts destroços, quantos destroços!

Hoje pensei, no desespero, que posso tentar transitar entre os fragmentos de impulso criativo que me movem...

Por que sempre quis, e protelei, trabalhar, trabalhar com arte bruta?

Por que sempre adiei minhas urgências? Deixei que outras urgências se sobrepusessem?

Coloquei outras urgências à minha frente? Permiti, permiti sempre, que outros, outras, sempre... Volta e meia sinto-me explodindo. Sinto meu tempo acabando. Sinto raiva e desespero.

Sinto fúria e incivilidade. Algo que não encontra lugar nos meios sociais.

Assim, como professora, acabo eticamente obrigando-me a experimentar as atividades que pretendo propor aos alunos, a partir das condições materiais, técnicas e infraestruturais

---

<sup>16</sup> VELOSO,1972, faixa 3.

disponíveis; e neste procedimento de objetivo didático, também experimento pedagógica e artisticamente coisas que nunca feito, inventando e testando possibilidades de prazer e encantamento com os quais intenciono contagiar os estudantes.

Fayga Ostrower diz:

“Compreendemos que todos os processos de criação representam, na origem, tentativas de estruturação, de experimentação e controle, processos produtivos onde o homem se descobre, onde ele próprio se articula à medida em que passa a identificar-se com a matéria. São transferências simbólicas do homem à materialidade das coisas e que novamente são transferidas para si. (OSTROWER, 1978, pág. 53).”

Aliás, como tornei-me professora por contingência, por saída de emergência para um descaminho, digamos sinceramente assim, carreguei por anos, como se reza ou amuleto, o seguinte texto da autora e do livro acima referido:

“Quando vemos uma jarra de argila produzida há 5 mil anos por algum artesão anônimo, algum homem cujas contingências de vida desconhecemos e cujas valorizações dificilmente podemos imaginar, percebemos o quanto este homem, com um propósito bem definido de atender certa finalidade prática, talvez a de guardar água ou óleo, em moldando a terra, moldou a si próprio. Seguindo a matéria e sondando-a quanto à “essência de ser”, o homem impregnou-a com a presença de sua vida, com a carga de suas emoções e de seus conhecimentos. Dando forma à argila, ele deu forma à fluidez fugidia de seu próprio existir, captou-o e configurou-o. Estruturando a matéria, também dentro de si ele se estruturou. Criando, ele se recriou. (OSTROWER, pág.51)”

Carreguei este texto para auxiliar-me a aprender e a suportar a tarefa de sair de mim, de meu umbilical processo artístico-investigativo (o qual, por relapso que fosse, nem por isso era apático ou insignificante) e de transmiti-lo a outros, professora sendo. E acerca de tornar-se professor(a), dizem Marly Meira e Silvia Pillotto:

“Desse ponto de partida é que o professor começa sua diária aprendizagem sobre como ser professor. Uma aprendizagem que, sem a relação afetiva com sua própria obra pedagógica, sem a relação afetiva com suas cognições, seus sentimentos, emoções e ações, acaba lamentavelmente em desencantamento. (MEIRA e PILLOTTO, pág. 13)”

Pois bem, eu comigo mesma, na relação com a criação artística, até na preparação de materiais didáticos, sempre me encanto. Aleluia!

## bordados

A seguir, fotos de trabalhos desconstruídos, costurados, bordados e recriados...



Quando bordo, geralmente uso a linha de bordado como grafismo, expressionistamente, e como cor e textura. Quando consigo reunir as condições materiais e energéticas suficientes, gosto de propor bordados e tapeçarias de recorte a meus alunos, o que costuma receber aceitação majoritária, além de inacreditáveis dificuldades técnicas, inextricáveis nós. Porque as crianças pobres tem carência de lidar com materiais diversos, sendo que em algumas casas não há uma agulha sequer, como tenho constatado. Há pobreza de materiais, texturas, cores, palavras, valorizações, pensamentos, estima, enfim... Mas a TV, com sua preponderância de conteúdos negativos, costuma ter presença implacável nas habitações.



Acima, trabalho de tapeçaria de recorte feito por criança de 10 anos, em oficina/projeto específico.

## de palavras e coisas

Diz Larrosa que *“as palavras determinam nosso pensamento, porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras (...).”*<sup>17</sup>

Constatei, após propor exercícios de desenho de figura humana a partir de referências variadas tais como observação de fotografias em cartazes de cinema e em obras de arte, fotografias de pessoas selecionadas de revistas e observação de modelos vivos, que os alunos desconheciam a palavra que designa este “bagulho” que recobre nossos olhos...Uma menina referiu-se ao dito bagulho, e perguntando aos estudantes com idades entre 12 e 16 anos, ninguém, dentre aproximadamente 20 pessoas, sabia dizer a palavra...

Tão chocada fiquei com esta falta que perguntei e respondi em seu lugar: Pessoal, se a gente não tivesse **pálpebra**, esta cortininha sobre os olhos, o que aconteceria quando a gente quisesse ir dormir...Quando a gente estivesse sob o sol forte, sob o suor, abaixo de chuva, no meio da poeira?

Poderá vir a consciência acerca deste bagulho – detalhe delicado – a partir do desenho de observação? Ou poderá o aprendizado da palavra carregar o delicado bagulho de significado, e daí gerar sua percepção e o sentido de representá-la?

Os índios guaranis não usam lençóis, e provavelmente não terão palavra para tal objeto... Certamente tem palavra para rede e para cama, mas não para lençol, pois não faz parte da sua cultura. Terão palavra para esta minúcia corpórea chamada pálpebra? Todos nós humanos as temos, e fazemos uso cotidiano delas! Porque adolescentes, em cultura complexa como a nossa, desconhecem a palavra? ( Pensei eu, estivesse ela próxima ao sexo, e seria não só muito conhecida como teria diversos apelidos! Estamos vivendo um momento civilizacional regressivo...Os únicos órgãos que interessam são as bocas e línguas...para comer, para comer, para meter adentro...O que tapa, protege, permite distanciamento e introspecção não tem espaço, cultivo, não existe!).

Algumas outras palavras que constatei assombrada serem desconhecidas de alunos adolescentes: algodão, pétala, alfinete. Novamente Larrosa:

---

<sup>17</sup> LARROSA, 2002, p.21.



“Quando fazemos coisas com as palavras, trata-se de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos”

Se as palavras são de fato capazes de transmitir idéias e sensações, e idéias de sensações, transcrevo um fragmento de depoimento do pintor Hans Hofmann:

“Durante bastante tempo trabalhei diretamente a partir da natureza, nunca com a intenção de imitar, mas de criar. Este esforço continuado me levou a certas descobertas que me convenceram que a arte é auto-suficiente, não nos termos de arte pela arte mas sim na base de uma neo-realidade cujos alicerces estão na relação direta do artista com seu meio. Deste modo, ele não depende de contatos exteriores com a natureza .(KUH, 1962, p. 142)”

Digo eu, a neo-realidade da arte é uma tese auto-suficiente a partir de encadeamentos de experiências com idéias e materiais. Ela quer ter a chance de provar-se, de desenrolar-se até o fim de seu fôlego. Em alguns casos, ou talvez em todos, (mas quem sou eu pra fazer semelhante afirmação, em território de tamanha subjetividade!), somos apenas o meio físico propiciador, ou seus “cavalos”, como se diz no batuque, e creio que em tantas outras religiões, a quem “dá passagem, é canal”. É como a ciência... algumas das hipóteses tem mais vitalidade, mais embasamento, outras expiram logo mais ali...

Talvez haja muito mais a questão da oportunidade, ou de sua falta, do quaisquer outras em ser-se artista ou criador de pensamentos. Pois não falta quem diga que todos somos artistas, e até mesmo cientistas OBSERVAR...

Há também a questão do poder... Mas isso são outros quinhentos (outras quinhentas páginas, tendo-se que, para desenvolvê-las, consultar “os universitários”, como no programa do Sílvio Santos). Pois então, voltando, perdemos progressivamente a dimensão do fazer, e considerando a rápida virtualização da realidade, quantos de nossos atuais cinco dedos atrofiarão, por inúteis? Eu, dedógrafa, não sou a melhor pessoa para pensar esta questão, mas certamente que o dedo minguinho, e talvez até seu vizinho, perderão sua função e sentido de existência... Na nanorealidade deste atual momento, tudo está tão compactado, mas tão compactado... que já não há lugar para o lixo, que extravasa pra todo lado!

Cada um de nós lavra a palavra - para quem a perceber matéria bruta, como tantas outras - conforme seus aprendizados e apropriações... Por isso a poesia é tão aberta, até difícil de explicar, para quem professa a árdua artetarefa de ser professor...

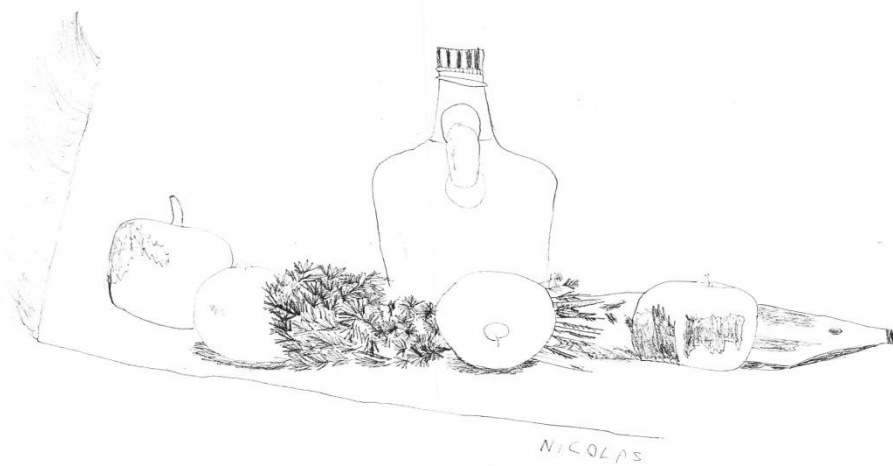
## desenhos

Para desenhar é preciso soltar a linha, liberar seu fluxo, alcançar sua autonomia...mas para isto acontecer, para se entrar na experiência, é preciso silenciar a mente, ou a parte da mente emissora de palavras e julgamentos (neurologicamente, o hemisfério cerebral esquerdo).

Desenhar a partir da observação direta é um método de propiciar a assunção da capacidade expressiva do traçado da linha, no esforço de tradução para o plano bidimensional, daquilo que é volume. Implica em ter que melhor perceber as formas e seus posicionamentos relacionais no espaço, seus planos e detalhes, e inventar os modos de representação. O que poderá ser feito em modos e estilos mais ou menos ilustrativos, expressivos, abstraídos, etc...

Fazer esta antiga atividade que é desenhar a partir da observação direta é puro pensamento relacional, direcional, proporcional, formal, espacial, etc, função mental desafiadora que costuma levar a resultados originais de representação do mundo, podendo propiciar experiências reveladoras de atenção mais apurada, deleite, êxtase estético com alguma talvez pequena e corriqueiramente mal-percebida coisa.





As ilustrações acima e abaixo são fotocópias de desenhos feitos por crianças de 9 a 11 anos, estudantes de anos-ciclos B10 e B20, a partir da observação de objetos.



E, a propósito, as crianças continuam recebendo grande quantidade de desenhos xerografados ou mesmo mimeografados para colorir, de baixa qualidade, a despeito de tudo o que se critica a este respeito, o que só faz perpetuar a cultura dos estereótipos. Sem falar da má qualidade dos lápis-de-cor e outros materiais adquiridos pela escola, na falta de maiores recursos econômicos, tornando mais remota a possibilidade do prazer, da descoberta do potencial expressivo no uso das cores através do “colorir”. Assim, a atividade de desenho de observação é difícil, irritante e frustrante para tantas crianças...

E grande parte dos alunos e dos professores rejeita e envergonha-se de seus desenhos, já que eles expõem tanto mais do que a palavra escrita, e todos queremos reconhecer o retrato das coisas, introjetada que está a idéia da representação realista nesta prática... Porque tudo o que não é codificado, reconoscível, tende a nos assustar... Tudo o que não é codificado é desviante.

como nem todos gostam de leite  
assim nem todos apreendem, do desenhar  
o leite

## de tempos e matérias primordiais

Quando nasceu minha filha, há coisa de vinte anos, deparei-me com a assombrosa sensação/intuição de que muita carne de bebê foi assada e devorada ao longo de nosso brutal processo civilizatório. E de quanto medo temos nós de tudo o que não é imediatamente reconoscível enquanto humano, e de quanta pressa temos em adestrar nossos pequenos e potencialmente selvagens descendentes, para que não os estranhemos e reneguemos logo depois... Como se, mais temerosos e apressados que Herodes, tratássemos logo de o mais breve domesticá-los, antes que uma súbita ou feroz liberdade tomasse forma, destituindo-nos de nossos lugares de poder no mundo da (nossa) cultura.

Na contramão desta tendência, eu relutava em dar nome às coisas para minha filha, desejando que ela tivesse liberdade perceptiva, que ela pudesse antes perceber, e só depois nomear, como há de ter sido nosso processo de construção de linguagem. Pois muitas vezes me choco com a forma peremptória com que os adultos tratam as crianças pequenas...

quão macia é a carne do bebê?

(será mais que a da vitela?)

qual o poder do fogo sobre a carne?

quão dura é a pedra?

a madeira?

o metal?

(no fabrico do metal o ser humano ampliou seu poder de violência)

o metal rasga a carne,

o metal imita a unha do animal.

a ferramenta fere.

(quem com ferro fere, com ferro será ferido)

a unha do homem não é tão forte

e tampouco sua garra

pois muito tempo perdeu

deixando crescer seu cérebro...

por isso, geralmente,

antes do ato, pensa a mente...

por isso constrói o instrumento,

por isso fere a ferramenta.

por isso, desde muito,

muito antes de Freud,

se a cultura segura,

a raiva não “explóide”!

o trabalho configura

a conexão mente mão ferramenta

ampliando a inteligência

à sua imensurável potência

até ao que hoje ocorre:

sobra poderio ... inteligência...

falta sensatez, senso de ... clemência!!!

Escreveu Nelson Rodrigues, “ *Nós viemos do chão. E temos incessante a voluptuosa nostalgia do chão.*”<sup>18</sup> (E no momento em que escrevo estas, ironicamente, centenas de pessoas encontram-se soterradas pelos deslizamentos de terra no Rio de Janeiro). E a nostalgia do barro, então? A argila é o mais macio, o mais afável dos materiais construtivos. Modelar a argila é tão ancestral que se a pessoa estiver num estado muito mental, não consegue. Pra modelar a argila é preciso de alguma forma desacelerar...

Trabalhar com argila não costuma caber muito bem nos recortes de tempo praticados na escola. Tampouco nos espaços, porque é preciso ter espaço pra secagem, entre outras coisas.

Só por estas questões infra-estruturais, já fica muito difícil realizar esta atividade tão básica, tão estruturante, tão terapêutica e de tanto potencial expressivo. O que sem nenhuma dúvida é uma perda de recurso importante para a missão civilizatória da escola. (E há, entre os colegas professores, quem tenha repugnância em tocar no barro...)

Do livro *Ceramicando*, de Jean-Jacques e Paulo James:

”Cerâmica é o barro queimado ao ponto de ficar tão duro que não se desmancha outra vez quando é molhado! Já pensou como seria difícil tomar café com leite em uma xícara que se desmanchasse? (...) Ainda bem que se inventou a cerâmica. A humanidade percebeu que o barro queimado torna-se resistente à água e até ao próprio fogo há muito tempo. Isso aconteceu depois que aprendemos a lidar com o fogo: como acender uma fogueira, como mantê-la acesa e principalmente como usar o fogo para transformar alimentos e outras substâncias. Foi então que surgiram as primeiras panelas, tigelas e pratos! (JEAN-JACQUES e JAMES, 1997, p. 7)”

---

<sup>18</sup> RODRIGUES, jornal O GLOBO, 1939.

cozinha ancestral

dia desses

no exercício um tanto premido da arte culinária

apercebi-me de que,

para o armazenamento dos ingredientes,

os recipientes retangulares são mais práticos, eficientes!

já, para o manuseio, os arredondados

são tão mais táteis, agradáveis, convidativos...

os primeiros humanos,

despreocupados de armazenar

em escalas além de sua própria necessidade

não produziram vasilhames aquadrados...

mais sensíveis às suas melhores ferramentas,

complexas articulações de músculos e ossos

em forma de mãos,

sabiam que é infinito o círculo

enquanto o reto acaba logo ali

na esquina.



E, a propósito de cultura ancestral, experiência com a matéria, palavra e conceito, Ernst Fischer faz uma bela afirmação, em *A Necessidade da Arte*

“Assim, a primeira abstração, a primeira forma conceitual, foi fornecida pelos próprios instrumentos: o homem pré-histórico “abstraiu” dos muitos machados individuais a qualidade comum a todos eles, que era a qualidade de ser machado, de tal modo que, ao fazê-lo, formou o “conceito” de machado. Não sabia o que estava fazendo; não obstante, estava criando um conceito.(FISCHER, 1981, pág. 37)”

A propósito, falando-se sobre priscas eras, os arqueólogos encontraram em profusão os belos instrumentos em pedra feitos pelos habitantes que nos antecederam nestas terras brasílicas... No livro *“Arqueologia – Mostra do Descobrimento”*, generoso em fotografias destes objetos, Scatamacchia diz que *“(...) são necessárias pelo menos duzentas horas de trabalho, o que torna os zoólitos os objetos que requerem o maior tempo de trabalho entre as peças arqueológicas conhecidas.”*<sup>19</sup>

Assim, ao longo de um ano letivo, poder-se-ia produzir quatro zoólitos, o que talvez nos desse maior sensação de missão cumprida. É certo que fazer zoólitos não faz mais sentido para nós. Mas, melhor pensando acerca dos sentidos, é fato que em muitos aspectos andamos um tanto toscos e regressivos. Talvez por isso, a beleza somada à laboriosa determinação exerça sobre mim o reconhecimento e o desejo de trazer os zoólitos a este texto.

Os arte-educadores peruanos Julia Saló e Santiago Barbuy, em seu belo livro *Terra Água Ar Fogo – para uma oficina escola inicial* fazem uma contundente defesa da pedagogia do contato com os materiais concretos para as crianças pequenas:

O material em bruto, como simples matéria prima, pede a ferramenta. A ferramenta busca material que possa ser trabalhado. Mas o produto elaborado somente pede ser usado. Fornecer materiais e ferramentas é formar produtores, mas rodear a criança de pacotes, móveis, livros e sequências pré-fabricadas é formar somente consumidores de objetos, de sentimentos e idéias. Inundar o mundo de formas incoerentes é como fabricar pestes que destroem os frutos saudáveis e padecer a curto prazo de anemia global de símbolos vitais. Os produtos supérfluos ou fracassados, sem gestação vital coerente, são já desde este momento, lixo, um tipo especial de lixo, o lixo do novo, do que ainda não se usou. Quando pomos a criança em contato unicamente com este mundo, estamos fazendo-a crescer em um monturo da mente humana.( SALÓ e BARBUY, 1977, p. 59).

---

<sup>19</sup> SCATAMACCHIA, 2000, pág. 49

Mas na escola fundamental, com crianças que muitas vezes não passaram pelos jardins de infância nem tampouco tiveram experiências positivas de construção com materiais naturais e/ou concretos, uma mais plena apropriação de muitas atividades é prejudicado, faltantes as experiências que lhes dariam significado. Diz Meira, *“a perda de vínculos e a impossibilidade de chegar ao corpo por afetos, percepções diretas e pela ação conjugada do olho, mão e ação imediata tem produzido conflitos e exclusões consideráveis na sociedade atual.”*<sup>20</sup>

E é preciso aprender a perceber desde um ponto de vista, para poder perceber desde outro, e mais outro ponto. É preciso perceber-se como capaz de um ponto de vista, como sujeito, observador, sujeito de conhecimento, para então, “cubistamente”, ampliar a percepção. No livro *O Tao da Física*, em que Fritjof Capra tece analogias entre a física quântica e o misticismo oriental, ele cita, *“nas palavras do Lama Govinda, ‘o modo oriental de pensar consiste em circundar o objeto da contemplação (...), uma impressão multifacetada, isto é, multidimensional, tomada a partir da superposição de impressões isoladas provenientes de diferentes pontos de vista’”*.<sup>21</sup>

Em filosofia, chama-se imanência ao estar em si das coisas, da matéria que é o próprio pensamento. As coisas ensinam porque elas são. Quem é, aquilo que é, dá o exemplo, é pedagógico. A grande busca, o grande esforço da vida, do espírito, da arte, é pela plenitude, é pelo estado de (conseguir) ser. A plenitude, tal como a liberdade, é indescritível. A plenitude, como tal, é próxima ao TAO.

---

<sup>20</sup> MEIRA, 2007, p. 33

<sup>21</sup> CAPRA, 1975, pág. 120

quantas possibilidades de tramas e urdiduras haverão  
neste tramado mais ou menos restrito e consensual de palavras?  
fosse palha ou metal, decompor-se-iam,  
cada qual de sua forma e em seu tempo...

mas as palavras tem este compósito abstrato  
sobre o qual se debruçam estudiosos inúmeros  
sem jamais terem tocado nas suas fontes...

na mesma medida em que escrevo, aprendo novas palavras.  
palavras que são matéria e origem do que sinto e quero.

quero sentir novas coisas,  
navegar em águas ondulosas,  
eu que, a despeito de meu desejo de aventura,  
mal sei nadar em águas profundas,  
e se disso dependesse minha sobrevivência  
eu quase certamente sucumbiria.

Finalmente, neste parágrafo último deste relativamente longo, penoso e também prazeroso processo de escrita, não poderei deixar de mencionar, tendo já abordado os soterramentos no Rio de Janeiro, a tragédia do terremoto, do tsunami e dos acidentes nucleares ocorridos no Japão. Não há como esquecer a espessa e líquida camada de “tinta” negra marítima, assombrosamente arrastando tudo em sua fúria matérica, física, natural.

## referências bibliográficas

- AGUIAR, Vera (coord.). *Poesia fora da estante*. Porto Alegre: Projeto, 1999.
- CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física*. São Paulo: Cultrix, 1983. (Trad. José Fernandes Dias.)
- CORAZZA, Sandra. *Introdução ao Método Biografemático*. In: *Vidas do Fora – habitantes do silêncio*. Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- DEWEY, John. *El arte como experiência*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1952.
- DUARTE-JR, João Francisco. *O sentido dos sentidos*. Curitiba: Criar Edições Ltda, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1ª edição, 10ª impressão.
- FISCHER, Ernst. *A Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. KHU, Katharine. *Diálogo com a arte moderna*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965. (trad. Jaime Monteiro.)
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, jan./fev./mar./abr. 2002, nº 19.
- MEIRA, Marly. *Filosofia da Criação*. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- MEIRA, Marly; PILLOTTO, Sílvia. *Arte, Afeto, Educação*. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- MORESCHI, Bruno. *O Disforme*. In: *Revista Piauí*, Ano 4, nº 40, janeiro 2010.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processos de Criação*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- RODRIGUES, Nelson. *Menina de luto*, poema. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31/03/1939.
- SALÓ, Julia; BARBUY, Santiago. *Terra Água Ar Fogo*. São Paulo: Ecce, 1980.
- SCATAMACCHIA, Maria Cristina. *Arqueologia: 15.000 Anos de Artes Visuais*. In: *Mostra do Redescobrimento*. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SHASTRI, Devadutta e outros. *Kamasutra, lições de prazer*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990. (trad. A. B. Pinheiro de Lemos.)
- SYLVESTER, David. *Entrevistas com Francis Bacon*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. (trad. Maria Teresa Resende Costa.)
- VAN-GOGH, Vincent. *Cartas a Théo*. Porto Alegre: L&PM, 2004. (trad. Pierre Ruprecht.)
- VEIGA-NETO. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- VELOSO, Caetano. *Transa*. Gravadora PolyGram, 1972.
- VIDAL, Jean-Jacques; JAMES, Paulo. *Ceramicando*. São Paulo: Callis, 1977.
- WARNCKE, Carsten-Peter. *Picasso*. Alemanha: Taschen, 1994.